



<https://doi.org/10.51880/ho.v27i2.1478>



A arte da História Oral: dialogando com a memória

Célia de Toledo Lucena*

ORCID: 0000000306515630

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, Campus Butantã, São Paulo, Brasil

Resumo: Este artigo tem como objetivos discutir as práticas de história oral e os desafios do momento da fundação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), ocorrida em 1994, bem como celebrar seus 30 anos vivenciados na arte narrativa da história oral. A década de 1990 fomentou ricos diálogos entre pesquisadores nacionais e internacionais. Assim, o artigo faz uma imersão em questões teóricas metodológicas que fundamentaram pesquisas nos anos de 1990 e 2020. Tais abordagens recaem nas questões de metodologia, fontes orais e memória. Por um lado, foi possível compreender como migrantes interpretam as vivências do lugar de origem no contexto da grande cidade. Na segunda experiência, por meio de uma relação dialógica, pôde-se perceber a construção da história da memória e como certos valores são vividos e praticados com base em resíduo-cultural de uma formação anterior.

Palavras-chave: História oral. Arte multivocal. Memória. Histórias da memória.

The art of oral history: dialoguing with memory

Abstract: This article aims to discuss oral history practices, the challenges of the founding of ABHO, which took place in 1994, celebrating its thirty years experienced in the narrative art of oral history. The 1990' fostered rich dialogues between national and international researchers. Thus, the article immerses itself in the theoretical methodological issues that underpinned research in the years 1990 and 2020. Such approaches focus on issues of methodology, oral sources and memory. On the one hand, it was possible to understand how migrants interpret the experiences of their place of origin in the context of the big city. In the second experience, through a dialogical relationship, it was possible to perceive the construction of the history of memory and how certain values are lived and practiced based on cultural residue from a previous formation.

Keywords: Oral history. Multivocal art. Memory. Stories of memory.

* Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Diretora e pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU-FFLCH-USP). Sócia da Associação Brasileira de História Oral (ABHO). E-mail: celialucena@usp.br.

Introdução

Tendo em vista celebrar o aniversário dos 30 anos da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), faço breves apontamentos para recompor minhas lembranças, sobretudo dos anos 1990, momento em que profissionais com o olhar em investigação social, ao trabalharem com fontes orais, deram-se conta dos múltiplos recursos a serem utilizados na coleta e nas análises das narrativas. A história oral consiste em uma metodologia que valoriza a interação entre entrevistador e entrevistado, em que as entrevistas não constituem meras gravações mas sim uma estrutura analítica fornecida pelo historiador oral que permite ao entrevistado ir em busca de suas lembranças, por meio de perguntas e reações, criando juntos uma explicação sobre o passado, daí a denominação de “arte multivocal”.

Vale revelar que pesquisadores de diferentes áreas, reunidos em torno da ABHO vêm criando através dos anos, por meio de encontros nacionais, regionais e internacionais, uma prática de discussões e debates sobre metodologia, coleta de entrevistas, exercícios da crítica, tendo em vista a produção do conhecimento.

A chamada deste número da revista sugere reflexões sobre a ABHO, assim, levando-se em conta que a memória é palavra-chave em história oral, trata-se, inicialmente, de recompor lembranças pessoais e retalhos da memória da história da ABHO em momentos de sua construção. Tendo como foco 30 anos de pesquisa, a seguir farei breves comentários sobre uma pesquisa realizada nos anos 1990 e depois darei um salto para outra pesquisa dos anos 2020, com o intuito de estabelecer algumas comparações entre o conteúdo das reminiscências, as análises e significados dos testemunhos orais, de registrar e celebrar os 30 anos da ABHO com a memória em múltiplos espaços.

Nessa direção, segue o subtítulo “A arte de lembrar: memórias do lugar de origem”, que traz algumas reflexões acerca de estudos realizados nos anos 1990 junto a um grupo de migrantes sobre suas representações e vivências diante do processo de deslocamento de Minas Gerais para São Paulo, nos anos de 1950 e 1960. As fontes orais permitiram contemplar suas expectativas e experiências de vida no mundo rural e urbano. Essa pesquisa deu origem a minha tese de doutorado, que teve como um de seus objetivos enfatizar as histórias orais de duas gerações, na tentativa de compreender como os sujeitos reinterpretam e “inventam” as experiências vividas no lugar de origem no contexto da grande cidade.

Já o subtítulo seguinte, que recebe a denominação “A arte de conversar: a memória e a história da memória”, propõe uma discussão sobre memórias e histórias da memória coletadas ao longo da Estrada Real, investigação realizada em 2021. Com o intuito de buscar significados e subjetividades dos falantes, foi possível realizar a coleta de relatos orais, por meio de uma relação dialógica junto a alguns moradores em certos pontos da Estrada Real, obtendo informação dos eventos do passado no presente. A construção da “história da memória” toma forma na narração oral, nesse sentido, e supõe uma

relação dialética entre memória e identidade.

Dessa forma, o presente artigo enfatiza momentos de debates na década de 1990, ressalta breves questões teóricas e metodológicas e ainda vozes de entrevistados em pesquisas de campo, realizadas nos anos de 1990 e 2020, fruto de estudos e debates entre adeptos ao uso das fontes orais.

Recompondo a memória

A tarefa de repensar os desafios da História Oral, motivada pela celebração dos 30 anos da ABHO, conduziu-me a dialogar com a memória em diferentes momentos e nuances. Vale lembrar a semente lançada em 1992¹ por um grupo de pesquisadores com características multidisciplinares, que, por meio de conversas sobre o uso de fontes orais, germinou a ABHO em 1994. A história oral foi alcançando reconhecimento em espaços acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento junto a pesquisadores com dimensão pública, abraçando historiadores, sociólogos, antropólogos, educadores, cineastas e outros mais. A partir de então, as fontes orais e as imagéticas ganham dimensão e prestígio, assim como o uso do gravador adquire o papel de ferramenta em investigação social, possibilitando a criação de arquivos de fontes orais.

As fontes orais são fontes narrativas. O narrador se aprofunda em suas lembranças e explora aspectos de sua experiência de vida não mencionados em casos contados em seu círculo social diário. A forma como cada um interpreta seu passado e o interesse do pesquisador por múltiplas vozes são reflexões contidas na produção teórica e metodológica. A história oral é pautada pela ética e pelo respeito pelos desejos do entrevistado, e a narração oral só toma forma em encontros pessoais oferecidos pela pesquisa de campo. A entrevista pode ser realizada sob diferentes modalidades (histórias de vida, relatos, diálogos interativos) e em diferentes quantidades de horas de coleta.

A história oral começou a ser usada na década de 1950, após o surgimento do gravador, e se difundiu nos Estados Unidos, México e Europa. No Brasil, foi adotada na década de 1970, quando, no Rio de Janeiro, criou-se o programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) e, em São Paulo, foram desenvolvidas as atividades criadas pela socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz no Centro de Estudos Rurais e Urbanos da Universidade de São Paulo (CERU/USP), enfatizando o uso do gravador em pesquisas sociais.

Na perspectiva da História, a história oral foi apresentada nos anos 1960 como

1 Por semente lançada refiro-me às discussões ocorridas no Congresso Internacional da América 92: Raízes e Trajetórias, realizado na USP, e que embasaram debates sobre a criação da Associação Brasileira de História Oral e uma proposta da criação de uma Associação Latino-Americana de História Oral.

uma contra-história. O contra-discurso elaborado pela história oral no decorrer daquela década chegou com o intuito de derrubar o interdito estabelecido pela história criticado no século XIX, que expulsava a tradição oral do campo científico em proveito das fontes escritas. A seguir um breve comentário de um historiador francês:

A esta hierarquia, a história oral vem se opor como contra-história, operando uma inversão historiográfica radical, tanto do ponto de vista dos objetos como dos métodos. História vista de baixo, história do local e do comunitário, história dos humildes e dos sem história, tira do esquecimento aquilo que a história oficial sepultou. (Trebitsch, 1994, p. 23).

Sobre a documentação, a socióloga brasileira aponta a seguinte reflexão:

Este rápido lançar de olhos pelas vicissitudes da História através do tempo apresentou as mudanças consideradas mais importantes em seu desenvolvimento, distinguindo-se hoje diversas escolas, sendo que na França é denominada História Experimental, e que inclui algumas subdivisões: a História Quantitativa, estudando o passado através de grandes séries de documentos; e, finalmente, a História Oral, voltada também para o presente e interessada em compor um grande acervo, com a utilização da moderna tecnologia, que conserva dados poucos encontrados na documentação do passado. Todas essas perspectivas parecem convergir para as ciências sociais e, particularmente para a Sociologia. (Pereira de Queiroz, 1994, p. 112).

Em 1983, CERU promoveu mesas-redondas sobre o uso de história de vida em seu X Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos, enfatizando questões metodológicas, ampliando o debate da história oral já em andamento em várias instituições, núcleos de estudos e programas de pós-graduação em muitas universidades brasileiras.

Convém fazer uma colocação sobre minhas andanças já nos anos 1980, quando, sensibilizada com as fontes orais, coletei entrevistas no Bixiga, com o intuito de registrar vozes e vivências em um bairro histórico situado na área central da capital paulista. A população foi despertada e motivada a pensar no tombamento de área do bairro como também sobre recuperação de memória material e imaterial. Nesse momento, intensificaram-se estudos sobre as relações entre memória e história e os modos como as memórias são construídas, registradas e transmitidas entre gerações. Propunha-se uma revisão crítica da memória oficial, levando-se em conta o desafio de ouvir vozes populares. Vivências junto ao bairro conduziram-me a uma nova pesquisa nos anos 2010,² ocasião em que realizei outra série de entrevistas, buscando entender o território como espaço de identidade e de que forma a musicalidade anuncia o bairro.

2 Ver *Bixiga revisitado* (2013), de Célia Toledo Lucena, também ver artigos sobre identidade e musicalidade do Bixiga, da mesma autora, inseridos no livro *Migração e turismo na cidade de São Paulo: Liberdade e Bixiga em perspectiva* (2021), organizado por Sênia Bastos.

É uma referência destacar grandes encontros realizados no país, ainda nos anos 1990. Em abril de 1993, realizou-se o Encontro Nacional de História Oral em São Paulo, cuja principal deliberação foi a proposta de criação da Associação Brasileira de História Oral. A mobilização levou ao II Encontro de História Oral (Rio de Janeiro, 1994), ocasião em que foi criada a ABHO. Ainda nessa década, aconteceram o I Encontro Sul-Sudeste (São Paulo/ Londrina, 1995) e o III Encontro Nacional (Campinas, 1996). A Associação Brasileira foi anterior à criação de órgãos internacionais, a exemplo da International Oral History Association (IOHA), fundada em 1996.

A partir do material resultante do II Encontro de História Oral, realizado no CPDOC/FGV, foi publicado o livro *História Oral* (Ferreira, 1994). Em 1998, surgiu o primeiro número da revista *História Oral* da ABHO, que teve como editor José Carlos Sebe Bom Meihy.

Alessandro Portelli, no momento da criação da ABHO, ao fornecer subsídios para repensarmos a memória na realidade social, a relação entre memória e história e as lembranças reinterpretadas no tempo presente, transformou-se em um dos âncoras nas pesquisas brasileiras com história oral.

Revisitando o livro *Usos & abusos da História Oral*, organizado por Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (1996), vê-se que a obra aponta em sua apresentação muitas questões pertinentes à época, dentre elas: a pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja pelo valor informativo, seja por seu valor simbólico) incorporando, assim, elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas, porque tradicionalmente relacionadas apenas a indivíduos, como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano. Na história oral, o objeto de estudo do pesquisador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes (Ferreira; Amado, 1996).

Luisa Passerini, em 1993, já apontara sobre o mundo do imaginário – sonhos, imagens, mitos e fantasias. “O que entendo por imaginário aqui? Estou pensando sobre uma mistura de ideias e imagens diferenciadas para cada indivíduo” (Passerini, 1993, p. 34). Durante a década, discutiram-se os significados subjetivos das experiências vividas e a natureza da memória individual e coletiva, sendo assim, não fazia sentido eliminar tendências e fantasias, tampouco reprimir omissões e silêncios encontrados nas artes de narrar. Então, “as distorções’ da memória, ao invés de ser entendidas como problema, eram também um recurso” (Thomson, 1997, p. 52).

Nos anos 1990, um número crescente de historiadores orais internacionais, tais como Alessandro Portelli, Mercedes Vilanova, Luisa Passerini, Ronald Grele, Mary Marshall Clark, Alistair Thomson e outros, ajudaram a fomentar as discussões nos meios acadêmicos e ampliar as investigações já em andamento no Brasil. Portelli, em suas repetidas vindas ao Brasil, aquece a discussão sobre subjetividade, memória, narrativa, imaginação, diálogo, multiplicando reflexões. Nessa direção, o evento Ética e História Oral, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-

SP) em 1995, propiciou análises sobre as questões éticas e teórico-metodológicas relacionadas às fontes orais e ao significado das narrativas. A Conferência Internacional de História Oral, ocorrida no Rio de Janeiro em 1998, trouxe um avanço significativo para as discussões na proposta metodológica da história oral.

Vale lembrar que meu doutorado, defendido em 1997 na PUC-SP com o título “Refazendo trajetórias: memórias de migrantes mineiros em São Paulo (Jardim Barbacena, 1960-1995)”, foi elaborado, refletido e pensado a partir das implicações teórico- metodológicas da História Oral. Nessa ocasião, aprofundavam-se debates sobre problemas sociais, sobre métodos e técnicas de investigação social e uma profunda discussão sobre as noções de memória e história e suas relações. Eventos, congressos e encontros propiciavam o debate entre profissionais nacionais e internacionais. Assim, o livro *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*, publicado em 1999 como resultado do doutorado, é fruto desse momento instigante de troca de experiências e aprendizado.

A tentativa de recomposição da memória faz um breve registro de momentos em que a história oral experimentou uma expansão significativa: a multiplicação de seminários, encontros, congressos e a incorporação da discussão nos cursos de pós-graduação, mais especificamente na década de 1990. Foram ampliados contatos com profissionais estrangeiros, com programas reconhecidos internacionalmente, com a participação em congressos nacionais e internacionais, constituindo caminhos importantes para troca de experiência.

Sendo assim, a ABHO, no decorrer desses 30 anos, vem-se revelando como um espaço plural, congregando estudiosos das áreas de História, Ciências Humanas, Sociologia, Antropologia, Educação e demais disciplinas de todas as regiões do Brasil. Sua estrutura conta com uma direção nacional e seções regionais eleitas a cada dois anos, promovendo encontros nacionais e regionais. Também responsável pela publicação da revista *História Oral*. Os participantes da Associação têm em comum a realização de entrevistas gravadas com pessoas que testemunharam eventos, práticas culturais e/ou diferentes aspectos do tempo presente, porém, por meio de entrevistas de caráter dialógico, permitem estabelecer uma relação entre passado e presente. Tais profissionais são voltados à prática de entrevistas e também à teoria da história oral, à discussão da produção e à análise da fonte oral. Convém salientar que são muitas instituições e núcleos de estudos nacionais, internacionais e latino americanos que trabalham com história oral na atualidade, oferecendo oportunidade para parcerias.

A arte de lembrar: memórias do lugar de origem

Trata-se aqui das memórias coletadas em pesquisa nos anos 1990 junto ao grupo migrante. Como dito anteriormente, refere-se a uma reflexão da mobilidade de

mineiros para São Paulo, a partir dos anos de 1950 e 1960. O objetivo principal dessa pesquisa foi enfatizar as histórias orais de duas gerações na tentativa de compreender como os sujeitos reinterpretam e “inventam” as experiências vividas no lugar de origem no contexto da grande cidade e, ainda, dialogar com os que permaneceram em Minas, não se encorajando a migrar. A arte de lembrar é sempre um ato individual, porém moldado pela dinâmica do social. A história oral oferece ao investigador a oportunidade de reconstruir aspectos de personalidades individuais inscritas na existência coletiva, pelo fato de as fontes orais dizerem respeito à memória.

A memória se desloca de um lugar a outro. A memória individual está inscrita na memória coletiva. Para Maurice Halbwachs:

[...] o espaço é uma realidade que dura. Nossas impressões se sucedem uma a outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que não pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, no meio material que nos cerca [...]. É sobre ele [o espaço] que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (Halbwachs, 1990, p. 143).

A pesquisa revelou os significados simbólicos que permeiam os universos culturais e refletiu sobre o deslocamento, levando em consideração as representações do rural e do urbano nas diferentes fronteiras temporais. Os valores culturais, superpostos em múltiplas camadas de tempo e de espaço, são representações por meio das quais um grupo migrante percebe a cidade grande como espaço de resistência, de mudanças, de reinvenção cultural e de pluralidades de identidades. São representações dinâmicas de como os migrantes percebem e confrontam mudanças nas suas condições de existência na intersecção de culturas (Lucena, 1999).

A investigação contribuiu para o estudo sobre um grupo migrante, na dimensão das particularidades e totalidades, desvendando os liames das histórias particulares na problemática coletiva, levando em conta o “eu” presente e o “eu” pretérito, as histórias ditas e não ditas. Utilizei como tipo de entrevista “histórias de vida”, ou seja, o relato de um narrador sobre sua existência no tempo, todavia, as entrevistas realizadas em Minas assumiram forma de “relatos orais”, atendendo ao objetivo de perceber a interpretação que familiares fizeram a respeito do processo migratório e as representações construídas sobre a capital paulista e o arraial mineiro. Na narrativa histórica, dentro da perspectiva da história oral, misturam-se sonhos, imaginação e realidades. Desse modo, pode-se dizer que a verdade pessoal passa a coincidir com a imaginação compartilhada.

Como alertou Alessandro Portelli, o testamento oral possibilita esclarecer trajetórias individuais e eventos:

Ele [o testemunho oral] pode ser encarado como um evento em si mesmo e, como tal, submetido a uma análise independente que permita recuperar não apenas os aspectos materiais do sucedido como também a atitude do narrador em relação a

eventos, à subjetividade, à imaginação e ao desejo, que cada indivíduo investe em sua relação com a história. (Portelli, 1993, p. 41).

Logo a seguir, em 1997, Portelli, em seu instigante artigo “O que faz a história oral diferente”, retoma a discussão sobre eventos e significados:

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas. (Portelli, 1997, p. 31).

Após os primeiros contatos no Jardim Barbacena, verifiquei que o bairro e os moradores possuem marcas de seu lugar de origem: o nome do bairro é inspirado na cidade de Barbacena, região de procedência dos moradores. O jeito de ser, os modos de vida, as construções de moradia, os quintais, as vendas e bares apresentam semelhanças com a fisionomia do bairro rural abandonado. Com o intuito de perceber mais os significados desse processo migratório junto aos moradores do bairro, debrucei-me sobre a coleta de entrevistas em busca das subjetividades.

As narrativas orais contam não apenas o que o migrante fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que pensa que fez. Uma vez interpretadas, as entrevistas estabelecem um diálogo entre si, constituindo um grupo orgânico da história de um grupo de migrantes. As mulheres são mais falantes e demonstram com mais entusiasmo os desafios enfrentados na cidade grande, enquanto os homens mostram-se mais silenciosos, cautelosos ao falar sobre o passado, demonstrando resquícios das dificuldades enfrentadas e vestígios dos ressentimentos e sentimentos de perda.

Mariana,³ em seu relato, expressa subjetividade com o velho e o novo espaço conquistado:

[Na roça] não tem serviço pra uma senhora. Só tem serviço de roça. A gente não guenta, vem uma idade a gente não guenta. Tenho uma irmã, e eu sou mais velha dos meus irmãos tudo. Quando vou lá, minha irmã fica encabulada comigo, como eu estou nova e ela está acabada. (Mariana de Almeida e Silva, 1994).

O mineiro Osvaldo⁴ fala do passado com muita cautela, evitando menosprezar a vida que teve em Minas:

3 Nascida em 1933, em Paraíso Garcia, Minas. Na ocasião da entrevista, era servente de escola pública no Jardim Barbacena.

4 Nascido em 1920, em Paraíso Garcia, Minas. À época da entrevista, trabalhava como porteiro do Hospital Sírio-libanês em São Paulo.

Eu gostava de lá. Eu gosto de lá. Não porque aqui eu estou bem, às vezes melhor que tava lá, que vou falar mal. Trabalhava muito, mas gostava. Era pesado o serviço e mais difícil. Tinha dia de eu chegar de noite em casa e no outro dia sair de madrugada. (Osvaldo de Melo, 1993).

A vida na cidade grande permitiu o enfraquecimento da autoridade masculina; as mulheres que migraram ainda jovens superaram repressões do pai autoritário; o ingresso da mulher no mercado de trabalho modificou as relações de poder entre os sexos. Homens e mulheres que migraram adultos foram responsáveis pela recriação das práticas culturais do passado rural e pela transmissão das tradições mineiras. As mulheres procuraram manter no mundo privado os códigos da cultura mineira, enquanto os homens assumiram a responsabilidade do cultivo do futebol e a reinvenção dos festejos religiosos mineiros, reforçando os sentimentos de pertencimento ao lugar de origem.

Bila⁵ revela, em sua narrativa, a percepção do diferente e os costumes mais modernos que a grande cidade oferecia:

A gente viu que era diferente, só que nós demoramos pra entrar no ritmo daqui. Porque meu pai não deixava, nem calça comprida, nem saia curta. Então a gente via, mas não tinha como fazer porque meu pai não deixava. Então aos poucos fui tirando sobancelha, fui erguendo a saia mais pra cima, passava e ele não falava nada. (Bila Brito, 1994).

A festa migrou, porém, sob forma “inventada”; no novo espaço, ela adquiriu um novo calendário dentro da lógica de natureza ritual e simbólica dos migrantes. Assim, Sebastião expressa: “Aqui nós fazemos um dia de festa, só. Aqui já é diferente, para quem trabalha na indústria, não pode faltar, perder serviço” (Sebastião Divino da Silva, 1994).

Foram dois espaços em estudo: a periferia de São Paulo (Jardim Barbacena) e a região de Barbacena em Minas Gerais, que não podem ser separados em temporalidade e espacialidade, pois os homens e mulheres, em seu dia a dia, inventam “artes de fazer”, articulam o passado com o presente, reconstróem identidades em cada geração e, no fundo de suas memórias, mesclam imagens e representações de lugares diferentes. A lembrança “obriga cada um a se relembrar e a reencontrar o pertencimento, em troca, o engaja inteiramente” (Nora, 1993, p. 18).

A migrante Mariana, ao iniciar o relato de sua história de vida, ressalta: “Nós saímos de uma Barbacena e entramos na outra” (Mariana de Almeida e Silva, 1993). O bairro periférico da metrópole mescla resíduos de diferentes espaços e diferentes tempos, práticas culturais apreendidas no mundo rural e outras assimiladas no urbano. A lembrança e a relembração utilizam inúmeros espaços que são referenciais dotados de

5 Nascido em 1957, em Paraíso Garcia, Minas. Na década de 1990, foi recepcionista no Pronto-Socorro em Cotia.

significados, subordinados às relações sociais, familiares e aos detalhes da intimidade. Os lugares vacilam tanto quanto o tempo, ou seja, a lembrança vacila entre o passado e o presente e entre os dois lugares, o abandonado e o reencontrado (Lucena, 1999).

Para Pierre Nora: “[...] lugares, portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente entrelaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel” (1993, p. 22).

A articulação de migrantes diante das diferenças culturais é uma negociação completa que confere autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica (Bhabha, 1998). Para Bila, eles passaram por transformações quanto à religiosidade, deixaram o catolicismo praticado em Minas e se converteram em crentes:

Você vê o sotaque da gente não mudou, a gente fala muito ‘uai’. Hoje nós somos crente, mesmo assim a gente fala: Oh! Minha Nossa Senhora. Então a gente não deixou aquele sotaque de Minas, a gente tem ainda, né, uai! (Bila Brito, 1994).

Dentro da perspectiva do lugar conquistado, Zezé⁶ acrescenta um comentário sobre os hibridismos ocorridos nas práticas culturais:

Aqui em São Paulo, o café ficou mais forte, o angu virou polenta, a gente deixou de fazer comida com gordura de porco e diminuiu o hábito dos derivados do leite, o queijo. (Zezé de Melo, 1996).

Dessa maneira, a história oral representa a realidade com as respectivas diferenças, explora as relações entre memória e história, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade, reconhece que as lembranças são as artes do indivíduo e redimensiona as relações entre passado e presente, ao perceber que a interpretação do passado é construída com os olhares do presente.

A arte de conversar: a memória e a história da memória

O foco, neste subtítulo, será apontar a riqueza da narração oral, tanto na coleta como na análise, em que outros conteúdos foram evocados e organizados no diálogo entre entrevistado e entrevistador. Em meu trabalho de historiadora oral durante esses 30 anos, vivenciei diferentes experiências. Todavia, optei por tecer aqui algumas reflexões sobre “diálogos interativos” gravados com moradores no percurso da Estrada

6 Nasceu em 1956, em Paraíso Garcia, Minas. Na ocasião da entrevista, trabalhava como supervisor de operações em São Paulo.

Real, no ano de 2021. A “arte de conversar”, no decorrer dos tempos, faz com que o contar e o recontar possibilitem a construção da história da memória, relação que toma forma na narração oral. A pesquisa de campo, por meio de diálogos com moradores, permitiu conectar memórias e histórias. Dessa maneira, foram muitas narrativas e causos a serem ouvidos.

A investigação resultou de uma viagem, em trechos oficiais e não oficiais da Estrada Real, realizada desde a cidade de Paraty (RJ) à cidade de Tiradentes (MG), passando pelos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Com o intuito de buscar significados e subjetividades nos falantes, foi possível realizar coleta de relatos, por meio de uma relação dialógica, e obter informação dos eventos do passado no presente junto a alguns narradores em diversos pontos da Estrada Real.

Inicialmente, uma das hipóteses da pesquisa apontava para conferir o legado das práticas culturais enquanto patrimônio imaterial, porém, antes de dar início ao percurso pelo Caminho Velho, ou seja, ainda em Paraty, a trajetória dos escravizados na Estrada Real e suas relações com a aguardente tornaram-se tema das conversas. A exclamação “Paraty exala cachaça”, proferida por um morador, provocou a inclusão de mais perguntas no roteiro de investigação, com o intuito de conferir representações de aguardentes contidas nos vestígios orais.

A moradora Patrícia⁷ acrescenta:

A cana de açúcar chegou no Brasil e a cachaça foi produzida no litoral. Os portugueses que trouxeram o alambique, porque já faziam a bagaceira lá. Falam que tinha 150 alambiques na região de Paraty, na época colonial, época do Caminho do Ouro. Tem canções e poemas que falam de Paraty, vou beber ‘parati’. Paraty é sinônimo de cachaça. (Patrícia Navarro, 2021).

Nessa direção, a canção “Camisa Listrada” de Assis Valente, gravada por Carmen Miranda em 1937, aponta “parati” como sinônimo de cachaça:

Vestiu uma camisa listrada e saiu por aí
Em vez de tomar chá com torrada ele bebeu parati
Levava um canivete no cinto e um pandeiro na mão
E sorria quando o povo dizia: sossega leão, sossega leão
(Valente, 1937).

As vozes ouvidas na atualidade são lembranças que revelam os acontecimentos do passado e seus significados no presente e, sem dúvida, são afetadas por reconstruções de épocas anteriores. A memória do indivíduo depende de seu relacionamento com grupos de convívio, o que leva ao estudo dos “quadros sociais da memória”, assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial (Halbwachs, 1990;

7 Nascida em 1974, na Argentina. Na ocasião da pesquisa, trabalhava no Engenho D’Ouro, em Paraty.

Bosi, 1983).

A relação entre escravizados, cachaça e a Estrada Real foi se estreitando no decorrer da investigação. Bianca⁸ narra:

Por conta do Caminho do Ouro, dos engenhos, a produção da cachaça foi aumentando. Cada família tinha um alambique em casa. Paraty tinha mais de cem alambiques. A produção de cana era tão grande por isso virou sinônimo da terra da cachaça. Com a decadência do Caminho do Ouro, Paraty ficou isolada por cem anos, mas manteve a tradição da cachaça, da musicalidade da ciranda, da gastronomia, uma culinária caiçara, vinda do mar. A festa de São João mantém essa mistura. O Caminho do Ouro foi passagem dos escravizados, do ouro, da cana, mesmo quando ficou proibido escravizar, faziam a passagem clandestinamente [...]. Meu conhecimento é vivido aqui por pessoas que contam histórias: a saída daqui pelos Guaianás, fugidos dos Tupinambás, foi pelo que é o Caminho do Ouro. (Bianca Paraty, 2021).

A investigação, com seu caráter dialógico, produz uma narrativa em coautoria, por meio de uma conversa face a face entre entrevistador e entrevistado, em um encontro pessoal causado pela pesquisa de campo.

A 'entre/vista' afinal é uma troca de olhares. É bem mais do que outras formas de arte verbal, a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo. (Portelli, 2010, p. 20).

Nessa direção, são afloradas as artes de lembrar, inventar, narrar e ouvir (Lucena, 1999). No que se refere ao caráter dialógico, levam-se em conta as sensações provocadas no entrevistado pelo entrevistador e as realizadas no sentido inverso, no entrevistador pelo entrevistado. O caráter dialógico é o relacionamento e possibilita uma narrativa em coautoria. O diálogo constrói o ato da rememoração, e a subjetividade é um dos elementos constitutivos no ato da lembrança. Dessa maneira, o ponto marcante da entrevista de história oral são as relações. As entrevistas são sobre o passado, porém são vozes vivas que falam hoje sobre eventos do passado. Para Portelli:

[...] a narrativa e suas formas também são um fato histórico em si que revelam não só o que aconteceu no passado, mas também o que significa hoje, e inclui não apenas a memória, mas também a história da memória, as maneiras pelas quais o significado do passado foi construído ao longo das subjetividades dos falantes. (Portelli, 2018, p. 246).

Nesse sentido, de forma específica, levaram-se em conta a construção da memória e a história da memória, maneiras pelas quais o significado do passado foi construído

8 Na ocasião da pesquisa, trabalhava na Destilaria Engenho D'Água/Cachaça Coqueiro.

ao longo do tempo nas subjetividades dos falantes em espaços e lugares ao longo da Estrada Real. A mencionada viagem, realizada em meados de 2021, adquiriu um caráter investigatório; as relações dialógicas entre entrevistador e moradores e personagens encontrados, nos trechos percorridos do Caminho Velho⁹ de Paraty a Tiradentes, marcaram a trajetória de uma pesquisa com metodologia em história oral. A relação entre história e memória toma forma na narração oral, o que se concretiza em um encontro pessoal proporcionado pela pesquisa de campo. As memórias foram evocadas e organizadas verbalmente no diálogo interativo entre entrevistado e entrevistador. Assim, uma pluralidade de vozes permitiu recuperar os sentimentos históricos e os significados que permeiam os repertórios culturais de lugares da memória.

A identidade mantém suas localizações no tempo, nas tradições, nos mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas que conectam os indivíduos a eventos históricos. Assim, certas experiências, significados e valores são vividos e praticados com base em resíduo-cultural bem como social de uma formação sociocultural anterior. O resíduo, segundo Raymond Williams (1979), foi formado no passado, mas está ativo como elemento efetivo do presente. A “arte de conversar”, no decorrer dos tempos, fez com que o contar e o recontar entre gerações possibilitassem não apenas a construção da memória, mas da história da memória, repertório que toma forma na narrativa oral. Para esta reflexão, as leituras de Alessandro Portelli e Raymond Williams suscitaram inspirações e ofereceram âncoras teóricas. O exercício do diálogo deu visibilidade aos sinais da memória de cada narrador, assim, as narrativas revelaram cruzamentos entre “troca de olhares”, memórias e significados mediados pela tradição e cultura em temporalidades e espaços vividos.

No ato da rememoração, a subjetividade é um dos elementos constitutivos no ato da lembrança. As identidades culturais podem ser produtos ou até invenções, mas o processo de formação de identidade convém ser visto como uma construção coletiva. Thomson, ao tratar da relação dialética entre memória e identidade, diz:

Nossa identidade (ou identidades, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, como o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossa própria vivência. Construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos- como histórias secretas ou fantasias- ou para outras pessoas no convívio social [...]. Reminiscência são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório `a nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes. (Thomson, 1997, p. 57).

A viagem à Estrada Real reforça um aprendizado por meio de histórias ouvidas e

9 A Estrada Real contém múltiplos caminhos, entre eles o denominado Caminho Velho, cujo ponto inicial é a cidade de Paraty. Caminho Novo, o ponto de partida, é a cidade do Rio de Janeiro.

lidas em livros de memorialistas, enfim, história da memória e outras histórias. Trata-se de histórias que são repetidas de geração em geração, são mitos e lendas ouvidas e repassadas. Histórias na região de Cruzília (MG) são repetidas não só em algumas frases, mas em episódios inteiros. As narrativas repetem histórias contidas em livros de memorialistas sobre episódio crucial ocorrido no início do século XIX, fazendo parte de movimento pré-abolicionista. Trata-se da rebelião dos escravizados, ocorrida em 1833, no dia 13 de maio, na Fazenda Bela Cruz, na Comarca do Rio das Mortes e da Encruzilhada, transparecendo a hierarquia social em movimento abolicionista. Na primeira entrevista, Adolfo¹⁰ relatou:

Os escravos se rebelaram dos maus-tratos, pensavam em montar um quilombo. Na noite de 13 de maio a fazenda foi invadida por um grupo furioso de escravos revoltados. Toda a família do fazendeiro é assassinada. Esse episódio ficou muito marcado, já estavam influenciados por pessoas locais e pelo movimento abolicionista. Em 29 de abril quatro deles foram enforcados, os escravos responsáveis pelo massacre. (Adolfo Maurício Pereira, 2021).

Há uma aproximação das linguagens falada e escrita por memorialistas no conteúdo das memórias. Os relatos individuais aglutinam memórias socialmente compartilhadas, constituindo uma construção coletiva sobre os caminhos que corriam em direção à exploração de minérios, o papel das vilas no passado e hoje, os causos e dificuldades de outrora e atuais, a busca de elementos turísticos para incrementar o roteiro. Em suma, foi preciso sair ganhando nos lugares visitados, sem perder nada, enfatizando o sistema das relações sociais e memórias dos espaços. O lugar social induz um comportamento prático, no qual todo usuário se ajusta ao processo de reconhecimento e de construção de identidade.

As performances remontam a tempos antigos. Vale conferir o repertório do passado no presente; nessa perspectiva, leva-se em conta o sentimento de pertencimento das pessoas aos lugares, e as sensibilidades colhidas por meio das memórias refletem as representações dos protagonistas que imprimem significados aos vestígios orais. Foi fácil notar que as representações contidas em alguns enredos dos guardiões da memória de diferentes locais da Estrada Real revelavam elementos repetitivos em suas narrativas. Trata-se da modalidade que podemos denominar de repetição de memórias.

Quando o tema da conversa é sobre sabores adocicados vem à tona uma história repetida sobre a prática das doceiras em fazer exposição em suas janelas de deliciosos pratos de doces para serem vendidos. Era muito comum passarem garotos apanhando guloseimas. Em resposta ao gesto, ouvia-se a exclamação: “Pede moleque, não pega”. A expressão usada com o verbo pedir conferiu à iguaria apetitosa a denominação de “pé de moleque”. Essa narrativa foi contada e recontada nas cidades de Paraty, Tiradentes

10 Morador de Cruzília, na ocasião, desenvolvia projetos culturais no município.

e São João del Rey, especificamente por guias e vendedores(as) de doces, sempre com histórias prontas a serem repetidas junto aos visitantes. Também recebe a denominação de pé de moleque o calçamento existente em ruas das cidades históricas, remanescente da época do ouro.

A narrativa de uma vida faz parte de um conjunto de narrativas que se interligam, está incrustada na história dos grupos sociais dos quais os indivíduos adquirem sua identidade. (Connerton, 1999, p. 24).

Já quando o tema é cachaça, a narrativa ouvida no Engenho Boa Vista, no município Coronel Xavier Chaves, sobre a aguardente denominada Século XVIII traz memória e história da memória. Francisco¹¹, ao ser entrevistado, narra:

Sou Francisco Chaves, filho de Nando Chaves e neto de Rubens Chaves, sou a nona geração da minha família que está aqui fazendo e bebendo cachaça. O engenho entrou na minha família em 1757 quando uma tia de Tiradentes comprou a propriedade e passou para o irmão mais velho de Tiradentes. Ele ia se tornar padre e precisava de um terreno. O padre Domingos teve uma história de vida muito bacana, era jesuíta e trabalhava com catequização. Depois foi para Salvador e deixou a propriedade para irmã mais nova, Antônia Rita da Encarnação Xavier. Ela é bisavó do Coronel Xavier Chaves, que doou terra para fazer o município, que é bisavô do meu avô, que é o proprietário do Engenho. (Francisco Chaves, 2021).

A cachaça nasceu e consolidou-se como um produto de baixo *status* não apenas em termos de consumo, mas também de produção. Os engenhos onde se produzia aguardente foram instalados em Minas, nos primórdios do povoamento, porém sua expansão era proibida pela coroa por desviar a atenção da mão de obra. Todavia, a proibição não era seguida à risca, sendo rara a fazenda em que não havia engenho (Frieiro, 1966; Souza, 2004).

Para Francisco, a cachaça é marcada como bebida do trabalhador:

Os tropeiros passavam aqui para tomar, a cachaça dá um calor no corpo, ajuda a esquentar. No Brasil Colônia era proibido produzir bebida alcoólica, daí já vem o sentimento de rebeldia e de contestamento. O alambique funcionava escondido, com tachos na frente que simulava produção de açúcar e no fundo o alambique. A caipirinha surgiu porque o escravo era proibido de beber, o chefe não deixava beber na hora do serviço. Então pegava limão, garapa para não parecer a cor da cachaça. A caipirinha do século XVIII era cachaça, limão e garapa. (Francisco Chaves, 2021).

11 Nasceu em 1997, em Xavier Chaves,. Na ocasião da entrevista, atuava profissionalmente no Engenho Boa Vista.

A sede do Engenho Boa Vista, construída de pedras e tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, guarda o cenário de um produto histórico. Foi um tempo de ouvir narrativas, dias de escuta, de leitura contextual e momentos de observação *in loco*. Sendo assim, para entender os contextos históricos, foi necessário inventariar os momentos vividos, as visitas aos lugares e os diálogos construídos nos espaços e caminhos. Uma viagem permeada de cheiros de refogados, de paladares picantes e adocicados, de degustação de cachaça, de musicais e de sons de sinos que marcam tempos históricos. Tanto no Caminho do Ouro como nas cidades analisadas, mesclam-se resíduos de diferentes tempos, práticas culturais transferidas do tempo da mineração e outras incorporadas no decorrer do tempo.

As experiências, significados e valores do século XVIII são vividos e praticados. O sentimento de continuidade histórica torna-se residual nos locais. Diante do trabalho de tradição seletiva, prevalece a repetição ancestral movida por um sentimento histórico profundo (Lucena, 2023).

Considerações finais

Este artigo, além de parabenizar a ABHO pelos 30 anos de produção de conhecimentos, pretende ser um elemento de estímulo ao uso da história oral, contribuir para repensar os desafios e resultados e, ainda, ampliar experiências sobre questões teórico-metodológicas nos dias atuais. A amplitude das fontes orais tem intensificado o debate nas investigações e se transformado em um recurso metodológico nos meios acadêmicos, centros de estudos, em órgãos públicos, empresas e organizações não governamentais. É inquestionável a importância da Associação Brasileira de História Oral estimulando contatos, parcerias internacionais e discussão interdisciplinar.

Vale relembrar aqui algumas questões no que diz respeito às fontes. O elemento precioso das fontes orais é a subjetividade do expositor. As fontes orais envolvem o relato em subjetividade. “Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (Portelli, 1997, p. 31). As fontes orais são fontes narrativas. A construção da narrativa revela o empenho na relação do narrador com sua história. O testemunho recolhido em entrevistas livres oferece oportunidade do informante relatar experiências em diferentes ritmos de velocidade na narração. Contar histórias é uma arte narrativa, dialógica, a entrevista é uma troca de olhares.

As duas experiências mencionadas, registros de pesquisas realizadas em diferentes décadas, com narrativas de diferentes conteúdos, dão oportunidade a variadas reflexões sobre memórias, imagens e representações. A primeira investigação trata de um grupo migrante com suas trajetórias, dificuldades de inserção, transferência de resíduos

culturais e os hibridismos que fazem parte da experiência migratória diante das diferenças culturais. Os migrantes instalados no Jardim Barbacena, na região de Cotia (SP), e familiares que permaneceram em Paraíso Garcia (região de Barbacena, MG) foram entrevistados.

A segunda experiência revela a presença de resíduos culturais que foram formados no passado, mas que continuam interagindo no presente. Povoados, trilhas e paisagens na região de Paraty, Cruzília e Tiradentes foram visitados e investigados. A viagem à Estrada Real proporcionou um aprendizado por meio de histórias ouvidas e outras lidas em livros de memorialistas, enfim, história da memória e outras histórias compõem um repertório de lembranças. Histórias são repetidas não só em algumas frases, mas em episódios inteiros.

O processo de deslocamento entre passado/presente, ausência/presença, representação/repetição permite à realidade uma ilusão de presença por meio de um efeito multivocal de memórias entrelaçadas (Lucena, 2023).

Dessa forma, a história oral como método, os procedimentos indicam caminhos específicos, para obtenção de resultados, o historiador oral foca sua atenção desde a criação do projeto, a escolha de entrevistados e a análise das narrativas. O historiador dá ao testemunho sua forma e contexto final. A história oral como arte implica seu caráter dialógico, ou seja, o encontro pessoal causado pela pesquisa de campo.

Referências

- BASTOS, Sênia (Org.). *Migração e turismo na cidade de São Paulo: Liberdade e Bixiga em perspectiva*. Rio de Janeiro: Provisório Produções; Modi Produções, 2021.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Quieroz, 1983.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História Oral*. Rio de Janeiro: Diadorin, 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janáina (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LUCENA, Célia Toledo. *Bixiga revisitado*. São Paulo: Ibrasa, 2013.
- LUCENA, Célia. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.
- LUCENA, Célia Regina Pereira de Toledo. A memória, a história da memória e outras histórias ao longo da Estrada Real. *Cadernos CERU, Série 2*, v. 34, n. 1, p. 136-168, jun. 2023.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PASSERINI, Luisa. Mitobiografia em História Oral. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 29-40, 1993.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. História, História Oral e arquivos na visão de uma socióloga. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História Oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 101-116.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 41-58, 1993.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, v. 14, p. 25-40, 1997.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaios de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. Living voices: the oral history, interview as dialogue and experience. *The Oral History Review*, v. 45, n. 2, p. 239-248, 2018.

SOUZA, Ricardo Luiz de. Cachaça, vinho, cerveja: da Colônia ao século XX. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 56-75, jan./jun. 2004.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, p. 13-50, 1997.

TREBITSCH, Michel. Função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da História contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História Oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 19-44.

VALENTE, Assis [compositor]. MIRANDA, Carmen [intérprete]. *Camisa listrada*. 1937. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9f01BkrntYE>. Acesso em: 18 ago. 2024.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Fontes orais

Coletadas junto aos moradores do Jardim Barbacena nos anos 1990:

ALMEIDA E SILVA, Mariana [56 anos]. [out. 1993]. Entrevistador: Célia Lucena. Jardim Barbacena, São Paulo, SP, 5 out. 1993.

ALMEIDA E SILVA, Mariana [57 anos]. [maio 1994]. Entrevistador: Célia Lucena. Jardim Barbacena, São Paulo, SP, 4 maio 1994.

BRITO, Bila [33 anos]. [jun. 1994]. Entrevistador: Célia Lucena. Cotia, SP, 15 jun. 1994.

MELO, Osvaldo de [70 anos]. [jun. 1993]. Entrevistador: Célia Lucena. São Paulo, SP, 29 jun.

1993.

MELO, Zezé de [34 anos]. [mar. 1996]. Entrevistador: Célia Lucena. São Paulo, SP, 18 mar. 1996.

SILVA, Sebastião Divino da [41 anos]. [ago. 1994]. Entrevistador: Célia Lucena. São Paulo, SP, 30 ago. 1994.

Coletadas no percurso da Estrada Real em 2021:

CHAVES, Francisco [24 anos]. [ago. 2021]. Entrevistador: Célia Lucena. Xavier Chaves, MG, 23 ago. 2021.

NAVARRO, Patricia [47 anos]. [ago. 2021]. Entrevistador: Célia Lucena. Paraty, RJ, 19 ago. 2021.

PARATY, Bianca [25 anos]. [ago. 2021]. Entrevistador: Célia Lucena. Paraty, RJ, 20 ago. 2021.

PEREIRA, Adolfo Mauricio [68 anos]. [ago. 2021]. Entrevistador: Célia Lucena. Cruzilha, MG, 7 ago. 2021.

Recebido em 14/0/2024

Versão final rerepresentada em 26/07/2024

Aprovado em 26/08/2024

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflitos de interesse: nada a declarar.